

Repensando [Re]interpretações Da Bíblia: Uma Sátira Humorística Do Pseudo-fundamentalismo Cristão¹

Bruno Menezes Andrade GUIMARÃES²

Resumo

Fundamentalismo cristão enfatiza obediência rigorosa e literal ao conjunto de princípios bíblicos. Contudo, é preciso repensar o conceito, uma vez que se trata de um termo utilizado de maneira pouco criteriosa. Nosso objetivo é compreender de que maneira a crítica humorística satírica propõe uma reflexão sobre o que há de fundamentalista de fato no comportamento de [neo]pentecostais. A análise é feita em torno do vídeo BÍBLIA do canal de humor PORTA DOS FUNDOS. A produção é uma sátira a forma como o cânone cristão é interpretado por líderes religiosos. Em cena, um pastor [neo]pentecostal distorce trechos bíblicos e incita violência e intolerância. Nossos esforços são para compreender a sátira como uma crítica a religiosos que, ao passo da não pregação de fundamentos bíblicos, não são passíveis da alcunha fundamentalistas. Ao contrário, são pseudo-fundamentalistas, indivíduos intolerantes a ponto de reinterpretar fundamentos para a satisfação dos próprios interesses.

Palavras-chave: Fundamentalismo; Pseudo-fundamentalismo; Religião; Humor; Porta dos Fundos.

Introdução

No dia 2 de maio de 2015, o canal de humor para a internet PORTA DOS FUNDOS publicou o vídeo BÍBLIA, sátira humorística que critica a forma como líderes

¹ Trabalho apresentado na XI Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocom), realizada em Engenheiro Coelho, SP, 18|08|2016.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Membro do Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS). Email: brunomenezesag@gmail.com.

de denominações [neo]pentecostais³ são capazes de utilizar as escrituras bíblicas para, de certo modo, conduzir a ação de uma gama de fiéis de acordo com interesses pessoais. O teor da crítica fez repercutir discussões sobre “fundamentalismo cristão” na internet e, no bojo dessas discussões, nosso objetivo é refletir em torno desse termo utilizado de maneira pouco criteriosa.

O termo “fundamentalismo” designa uma série de atitudes de cunho conservador e integrista e enfatiza obediência rigorosa e literal ao conjunto de princípios bíblicos (ARMSTRONG, 2011). Todavia, o vídeo BÍBLIA permite que a discussão vá além e nos faz repensar a utilização do conceito. Em linhas gerais, a produção mostra um pastor que reinterpreta os versículos do cânone cristão de modo adequá-los a sua vontade. A postura do pastor em cena será analisada a fim de que possamos compreender de que maneira a crítica humorística satírica de PORTA DOS FUNDOS propõe uma reflexão sobre o que há de fundamentalista de fato no comportamento do religioso em questão.

O artigo está dividido em três seções atentas ao fundamentalismo a guisa de um [neo]pentecostalismo repleto de mudanças. A primeira seção conta a origem do termo, na primeira década do século XX, e a elaboração de uma série de folhetos intitulados “The fundamentals” [os fundamentos], cujo conteúdo consistia, sobretudo, na defesa dos dogmas do cristianismo. Em seguida, o texto avança para a relação entre fundamentalismo e os novos movimentos religiosos cristãos que, de forma didática, estão divididos em três “ondas” (MARIANO, 1996).

A sátira como espaço natural para consolidação de críticas e instrumento de provocação de cosmovisões prestigiosas, sobretudo a religiosa (TURNER, 2014) é o tema abordado na seção de número dois. Uma vez que produções satíricas são capazes de tornar os públicos mais críticos com relação a determinado assunto e [tende a] descortinar suposições de outros pontos de vista, na última seção evocamos a sátira BÍBLIA a fim de pensar “fora da caixa” e refletir acerca das características de lideranças de igrejas cristãs atuais.

³ A grafia “[neo]pentecostal” é utilizada para englobar os pentecostais da primeira e da segunda onda e os neopentecostais da terceira onda c.f. Mariano (1996). O recurso é uma alternativa para citar os membros de todas as três ondas com a utilização de um único termo.

1. Fundamentados e fundamentalistas: uma questão de interpretação

Um dogma é um “ponto fundamental e indiscutível de uma crença religiosa, uma máxima, um preceito”.⁴ De modo geral, qualquer sistema religioso ao redor do mundo é baseado em um conjunto de dogmas que o sustenta e define, de certo modo, o comportamento de seus adeptos e a estabilidade da religião. Todavia, determinado princípio dogmático adquire um caráter controverso a partir do momento em que a forma como é vivido ultrapassa os limites do respeito a liberdades individuais.

Nossa discussão é datada nos primeiros anos do século XX. Contudo, faz-se preciso um regresso mais amplo, até o século XVI, a fim de explicitar o início de um período de fortes transformações sociais no ocidente o qual chamamos “modernidade” (VATTIMO, 1996). Baseado em ideais iluministas, o período foi marcado por intensos avanços, tanto tecnológicos quanto de pensamento acerca dos indivíduos e de seus papéis nas sociedades. Toda essa dinâmica foi responsável por provocar impactos profundos na religião cristã e nos modos de exercícios da religiosidade, objetos de estudo de diversos pesquisadores da grande área das ciências humanas.

No escopo de sociedades cada vez mais envoltas em concepções de racionalismo e cientificismo empírico, um dogma passou a ser visto mais como um fascínio de ordem pessoal do que como um princípio de valor supremo. Em meio a esse cenário desfavorável à ortodoxia cristã, a parcela religiosa mais conservadora sentiu-se obrigada a combater o “perigo” de um pensamento secular que colocava em risco a tradição e a autoridade do cristianismo. Por volta da década de 1910, um grupo de autores britânicos, americanos e canadenses se reuniu para afirmar [difundir] os princípios básicos do cristianismo dos quais não se abriria mão mesmo em meio ao pensamento do novo século.

A estratégia encontrada foi a elaboração de uma série de folhetos intitulados “os fundamentos”, cujo conteúdo consistia, sobretudo, nos fundamentos [dogmas] do cristianismo. Com vistas no conteúdo desses panfletos, Armstrong (2001) destaca os

⁴ Verbete “dogma” retirado do Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/dogma>>. Acesso em 04 jul. 2016.

cinco dogmas mais importantes: “(1) a infalibilidade das escrituras; (2) o nascimento virginal de Jesus; (3) a remissão de pecados pela crucificação; (4) a ressurreição da carne e (5) a realidade objetiva dos milagres de Jesus” (ARMSTRONG, 2001, p. 199).

Percebe-se, aqui, que o conteúdo dos panfletos explicita a defesa da fé e da crença cristã, fundamentada nas escrituras bíblicas, em um período que clamou por essa defesa. “O tom [dos panfletos] não era nem radical nem particularmente militante” (ARMSTRONG, 2001, p. 199). Logo, todo aquele que se dizia cristão haveria de defender esses fundamentos como observações de ordem primária. Todavia, defender fundamentos não é o mesmo que ser fundamentalista. Tudo depende da forma como os fundamentos são invocados e interpretados. Uma pessoa fundamentalista não aceita a diferença de pensamento, evoca métodos reacionários, autoritários, irracionais e, ao seu modo, repudia a modernidade em prol da defesa de sua fé e de seus dogmas.

O teólogo John Stott (1999) corrobora com essa visão. Para ele, uma pessoa fundamentalista (1) não acredita em quaisquer conhecimentos de disciplinas científicas; (2) é liberalista em excesso; (3) crê que o cânone bíblico foi ditado por Deus; (4) acredita que o texto bíblico pode ser aplicado diretamente para ele, como se tivesse sido escrito para si próprio; (5) tende a ser desconfiado com o movimento ecumênico e, mais do que isso, apresenta características de rejeição acrítica a feroz a outros credos religiosos; (6) por esse motivo, talvez, tende a dotar uma ortodoxia separatista, ou seja, afasta-se de quaisquer grupos e pensamentos discordantes de seus pontos de vistas dogmáticos; (7) apresenta rejeição ao “mundo”, caracterizado como todas e quaisquer posições contrárias de sua doutrina; (8) tende a defender a segregação racial; (9) entende que a missão da Igreja é, sobretudo, pregar o evangelho e (10) é literal com relação a profecias bíblicas e tende a criar dogmas sobre o futuro a partir dessa literalidade (STOTT, 1999, p. 19-21).

Nessa toada, Künzli (1995) acredita que uma pessoa fundamentalista sente-se como se estivesse em uma balsa desgovernada, arrastada por uma correnteza agitada denominada “modernidade”, prestes a naufragar. Há, porém, uma forma de a balsa continuar estável no curso do rio: a preservação universal e literal dos dogmas da religião cristã, pois somente os fundamentos são capazes de controlar a agitação da

água, que um dia se agitou justamente porque tais dogmas não foram observados e, de certa forma, começaram a cair no esquecimento. Türccke (1995), por sua vez, entende fundamentalismo através da metáfora da “massa de vidraceiro” que objetiva reparar de forma precisa os fundamentos religiosos de certo modo fragilizados.

Dessa forma, é possível distinguir duas posições de sujeito: “fundamentados” e “fundamentalistas”. Em suma, um cristão fundamentado acredita nos fundamentos [presentes no cânone bíblico e expostos em panfletos no início do século XX] e é por eles regido, porém, é atento ao respeito à individualidade do próximo e entende que diversidade não significa adotar o estilo de vida do outro, ou ser ameaçado a tal. Em contrapartida, um cristão fundamentalista coloca-se sob a aceitação literal dos fundamentos e objetiva reger tudo e todos por essa literalidade.

Oliveira (2015) enfatiza que fundamentalismo é a base do [neo]pentecostalismo brasileiro. Para melhor compreender a história e as vertentes do nosso pentecostalismo, um grupo de pesquisadores procurou, nas últimas décadas, dividir os períodos em três “ondas” distintas (MARIANO, 1996). De antemão, há de se destacar que essas ondas não são divisões estanques de manifestações pentecostais, ao contrário, são mutuamente influenciadas. Deste modo, a primeira onda consiste no início de todo o processo logo na primeira década do século XX. Conhecida como “pentecostalismo clássico”, a onda abrange o período entre os anos de 1910 e 1950, que vai desde a implantação da primeira igreja pentecostal no país no nordeste brasileiro até a consolidação de fato da prática em todo o território nacional.

A segunda onda é denominada “pentecostalismo neoclássico” ou intermediária, pois que corresponde ao período que marca a expansão e a inauguração de igrejas mais recentes por volta da década de 1950. Esse processo de expansão ficou conhecido como “cruzada nacional de evangelização”, realizado por dois missionários norte-americanos com o intuito de propagar atos de curas físicas dentro dos templos. O alvoroço atraiu milhares de fiéis para as igrejas com a mesma promessa de cura, fenômeno que provocou uma nítida fragmentação entre as igrejas da primeira onda e as igrejas fundadas nesse segundo momento.

A terceira onda pentecostal recebeu um prefixo “neo” antes do termo justamente para designar a vertente que mais cresceu nos últimos anos. Como o próprio prefixo indica, o movimento dos novos pentecostais, ou neopentecostais, surgiu na metade da década de 1970, fundado por brasileiros, e se transformou em igrejas ativas nas décadas de 1980 e 1990. O pensamento de igrejas neopentecostais possui forte apego literal aos fundamentos bíblicos e, conforme descrito por Stott (1999), organiza-se em torno de um discurso que prega que a experiência difundida dentro dos templos deve ser levada para fora deles, isto é, que o discurso dogmático deve ser universalizado. O resultado dessa postura ultrapassa os limites da [mera] pregação de uma verdade religiosa e entra na esfera de uma “visão teológica que não abre espaço para a reflexão e o questionamento, uma vez que questionar induz seus membros a se distanciarem da vontade de Deus” (OLIVEIRA, 2015, p. 74).

Em meio a esse cenário repleto de denominações pertencentes as três ondas do movimento pentecostal, há de se destacar que as pregações dentro dos templos são as mais diversas, e a formação e posição dos pastores idem. Quanto a isso, Com vistas em um cenário [neo]pentecostal complexo, nossa proposta é pensar além da categoria “fundamentado” e “fundamentalista” através da sátira humorística.

2. Sátira: uma forma de pensar “fora da caixa”

Uma produção humorística veiculada na internet, como o vídeo BÍBLIA, pode colocar em perspectiva determinado problema da sociedade. Além do mais, a mesma produção é capaz de evidenciar mais que o óbvio desse problema, isto é, permite certos avanços sobre dado assunto a ponto de nos expor a visões [ainda] desconhecidas. Turner (2014) afirma que “a comédia que uma cultura produz mostra seus valores, preconceitos e crenças; revela as preocupações e aquilo que jamais passou pela cabeça das pessoas” (TURNER, 2014, p. 149). Dito isso, esta seção é dedicada ao gênero humorístico satírico e à relação entre sátira e crítica social.

A sátira é um gênero da literatura greco-latina. Sua origem mista revela que os primeiros textos satíricos se consolidaram tanto entre os gregos quanto entre os

romanos. Na Grécia, a sátira atingiu seu ponto mais alto na comédia, embora tenha sido utilizada com frequência desde os primeiros textos. O humor tipicamente satírico se desenvolveu na tentativa de tornar a sociedade e os cidadãos gregos mais críticos dentro de uma lógica de exposição de problemas através do material literário. Por sua vez, os romanos também encontraram no gênero satírico um espaço natural para consolidação de críticas e o incorporaram com uma série de particularidades. Uma vez incorporado, os romanos passaram a utilizar a sátira de modo a facilitar o diálogo e propor reflexões acerca dos problemas da época. É possível afirmar, então, que os dois locais representantes legítimos do método literário da sátira são a comédia antiga grega e a própria sátira latina (MORA, 2003).

Por se tratar de um gênero que se desenvolveu em dois contextos culturais distintos, as controvérsias teóricas sobre o conceito de sátira são variadas e não nos cabe aqui entrar em tais nuances. Interessa identificar a sátira como o lado mais crítico da literatura, isto é, como portadora de uma clara intenção de modificar a realidade instituída. Segundo Mora (2003), o método estilístico satírico é entendido através do termo grego “spoudaiogeloion”.⁵ O termo, quando traduzido, indica uma conexão entre o que é cômico e o que é sério, isto é, implica a invocação de um riso corretivo de desordens de alguém, de um grupo específico ou de uma sociedade inteira. Algo como um [re]estabelecimento de equilíbrio.

Mora (2003) conclui que o que caracteriza o humor satírico é “o caráter didático que faz com que a literatura se extravase, saia dos seus limites para afetar a realidade extraliterária” (MORA, 2003, p. 8). É nesse momento que o cômico [de uma construção literária poética, livre e repleta de ironias] se mistura com o que é sério [aspectos de uma realidade problemática]. O humor satírico tenta, de uma forma ou de outra, deixar o espaço físico do papel, afetar o mundo real e dele – e nele – provocar um riso crítico acerca de normas, valores, indivíduos, visões de mundo específicas, tipos de governo, entre outros.

Mas de que maneira a sátira original do período greco-romano ainda se faz presente e cumpre sua função crítica no humor do século XXI? Para responder a essa

⁵ De acordo com a grafia grega: σπουδαιογέλιον.

pergunta, importa-nos apresentar duas características marcantes de textos satíricos antigos que foram observadas por Mora (2003) e que são perfeitamente transportáveis para os nossos dias atuais: (i) todas as obras de sátira possuem um caráter moralizador no sentido lato do termo, isto é, o autor satírico assume e expõe determinado posicionamento considerado por ele como correto e virtuoso e o compartilha com o leitor a fim de criticar com veemência o vício contrário a tal virtude. Interessante notar que raras vezes o autor de uma sátira explicita a atitude considerada por ele como “correta”. Essa resposta fica implícita, e é no ato do riso que a identificamos. Portanto, dizemos que a crítica da sátira é sempre uma crítica que denuncia vícios sem apontar claramente a virtude.

A segunda característica do gênero satírico: (ii) apresenta, juntamente ao caráter moralizador, uma vertente de entretenimento. Com isso, a sátira une ética com estética. Salientamos que essa característica não é exclusiva do gênero literário satírico, pois vários outros gêneros também possuem um viés de entretenimento agregado. O que confere à estética satírica uma característica única é que esse entretenimento ocorre, na maior parte, mediante a utilização do humor (MORA, 2003).

Com o passar dos anos, a sátira se aperfeiçoou, mas a gênese continua sendo a provocação de cosmovisões prestigiosas, sobretudo a religiosa. Turner (2014) destaca que “o objetivo [de uma produção satírica] não é humilhar, mas incomodar e fazer as pessoas se abrirem para formas alternativas de pensamento” (TURNER, 2014, p. 155). O autor explicita uma dupla função da sátira: fazer com que o público descubra suposições de outro ponto de vista ou mesmo descobrir que há suposições com relação a determinado assunto, isto é, pensar “fora da caixa”, abrir-se para além do óbvio, da primeira impressão.

Com isso em mente, caminhamos para a próxima seção com o objetivo de compreender de que maneira a sátira humorística BÍBLIA, do canal de humor para a internet PORTA DOS FUNDOS, é capaz de permitir pensar as posições de sujeito “fundamentado” e “fundamentalista” no cenário [neo]pentecostal de outra perspectiva e nos convida a considerar uma nova categoria que dê conta de pensar que nem todo discurso de ódio sob justificativa de apego literal ao cânone cristão é fundamentalista

haja vista que, por vezes, não se trata de uma literalidade interpretativa das escrituras bíblicas.

3. Fundamentados, fundamentalistas e pseudo-fundamentalistas: para repensar [re]interpretação das escrituras bíblicas

A partir de agora vamos analisar a produção **BÍBLIA** do canal de humor para a internet **PORTA DOS FUNDOS**. Conforme a introdução, nosso objetivo será refletir, à luz do conteúdo da seção dois, como a sátira eleva a discussão sobre fundamentalismo para outro patamar. Em um primeiro momento, o vídeo será descrito para uma melhor contextualização do produto analisado e, em seguida, a descrição oficial e algumas falas dos personagens serão analisadas no intuito de entender em que medida a sátira humorística do canal privilegia a problematização do termo “fundamentalismo” e supera a dicotomia entre não fundamentalistas [fundamentados] e fundamentalistas.

Em suma, o vídeo mostra um pastor de uma igreja [neo]pentecostal [Gregório Duvivier] em um de seus discursos, também denominados de “pregações”. O púlpito da igreja é simples, contudo, há de se destacar o tom de voz alterado e as manchas de suor na axila do pastor na tentativa de relevar um líder religioso agitado, impaciente e austero. O pastor incita, com base em suas próprias interpretações de trechos bíblicos, ataques a negros, açoite a mulheres e doação de dinheiro para uso próprio. Com exceção de um fiel [Rafael Infante] que indaga algumas vezes, a igreja é pacífica e aceita o discurso pastoral. O vídeo é encerrado e, após os créditos, o pastor aparece em um processo de edição de trechos bíblicos. Nessa edição ele rejeita o que não quer e enfatiza o que pode servir de matéria-prima para suas próximas falas.

Na descrição do vídeo, lemos:

DESCRIÇÃO: A Bíblia é um dos livros sagrados da humanidade. Em suas páginas encontramos histórias e metáforas lindas que nos ajudam a ser pessoas melhores. O único problema é que ela é aberta a interpretações. E quando uma pessoa resolve interpretar literalmente o que diz um livro da Idade do Bronze, o problema tá na pessoa, e não no texto. E não há entre

linha ou ausência de linha que resolva isso. Afinal, ninguém nunca leu Harry Potter e se tacou da janela segurando uma vassoura.⁶

A primeira frase da descrição enfatiza a predisposição do canal de fazer humor com um dos livros sagrados da humanidade. Interessa notar que o canal valoriza, de certo modo, a capacidade de o cânone bíblico inspirar pessoas e promover atitudes positivas. “O único problema é que ela é aberta a interpretações”. A partir dessa frase, a descrição mostra que o vídeo está disposto a tecer uma crítica não ao discurso bíblico em si, mas à forma como ele é apropriado por líderes religiosos capazes de utilizar trechos das narrativas consideradas sagradas em prol de interesses, como financeiros, pessoais e propagadores de ódio. Vejamos as primeiras falas do pastor:

[0:00 – 0:15]

PASTOR: Meu amigo, minha amiga, a palavra do Senhor é clara, amém?

IGREJA: Amém.

PASTOR: Então a partir de hoje nós temos todos que bater em negros. Amém?

IGREJA: Amém.

FIEL: Desculpe, pastor. O senhor falou “bater em negros”?

PASTOR: Foi Jesus que disse. Não sou eu não.

O pastor inicia sua fala de modo a exaltar a clareza da “palavra do Senhor”. A sátira exhibe um líder que crê na Bíblia e, por consequência, tende a se fundamentar nela. Todavia, a crítica emerge ao passo que um dos fiéis [e por consequência os públicos telespectadores] são surpreendidos com a forma como o pastor interpreta um versículo simples que não carrega consigo vestígios para duplas interpretações, ou interpretações equivocadas. Nesse ensejo, a tendência [natural] é classificar a postura e a pessoa do pastor como “fundamentalista”, uma vez que se revela desrespeitoso à individualidade do próximo e propaga o ódio sob a égide da religião cristã. Vejamos as demais posturas intolerantes do pastor:

⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wkSIBBAWhWU>>. Acesso em 09 jul. 2016.

[0:41 – 0:50]

FIEL: Eu tenho que chegar em casa hoje e bater na minha mãe porque ela é negra?

PASTOR: Não. Tem que açoita-la porque ela é mulher. Porque a mulher merece o açoite. Não sou eu que disse. Foi Jesus.

[...]

[1:15 – 1:22]

PASTOR: Agora eu preciso que vocês todos deem tudo o que vocês tem para a igreja.

FIEL: O que está no bolso?

PASTOR: Não só no bolso. Na vida mesmo. Eu quero que vocês deem tudo e virem mendigos.

O pastor fictício alega que sua postura austera e interesseira são ordens de Jesus derivadas de leituras interpretativas de versos bíblicos. O humor criado por PORTA DOS FUNDOS consiste na ridicularização da forma como essas interpretações são feitas. Abaixo a transcrição da explicação dada pelo pastor para o açoite de mulheres baseada em um dos versos do livro de Lucas (12.34):

[0:51 – 1:15]

PASTOR: Vocês nunca leram a Bíblia? “Ali onde estará o amor estará também o nosso coração”. Lucas 12.34. Amor, mãe. Mãe, mulher, né? Que estará em nosso coração. Coração, sangue. Sangue que sai das veias quando provocado por objetos violentos como um açoite. Tá claro. A palavra é clara. Amém.

IGREJA: Amém.

Entretanto, é preciso entender que o pastor criado por PORTA DOS FUNDOS não se coloca sob a aceitação literal dos fundamentos bíblicos, isto é, seu discurso parte da Bíblia, mas se materializa de outras formas através de uma teologia que não condiz com a ortodoxia cristã. Em outras palavras, é preciso entender o quadro criado pelo vídeo BÍBLIA com outra lente. Nessa toada, o líder do vídeo expõe uma visão teológica que não abre espaço para reflexão e para o questionamento, uma vez que, segundo ele, questionar induz seus membros a se distanciarem da “vontade de Deus”. A questão é que essa vontade divina é privatizada e se transforma na vontade do próprio líder [neo]pentecostal que de nada está contexto e bíblicamente fundamentada.

Acerca disso, Slavoj Žižek (2015) escreve que a reinterpretação de textos tidos como sagrados, tal como representado por PORTA DOS FUNDOS, são atitudes típicas de pessoas profundamente incomodadas com valores do liberalismo, como: liberdade, igualdade, entre outros (ŽIŽEK, 2015). Nesse caso, a religião [e a posição de liderança conferida a um líder religioso] serve como desculpa ou como fator para a legitimação de desejos mais escusos que, em regra, exprime conservadorismo e ressentimento por uma sociedade laica e plural. A única saída é sustentar de maneira autoritária que a sociedade não pode ser diferente “de mim” [dos “meus” desejos], seja nos púlpitos de templos religiosos, seja fora deles, sempre com o discurso autorizado do cânone bíblico como pano de fundo.

O pensamento do autor nos auxilia em uma linha de raciocínio que repensa as categorias “fundamentados” e “fundamentalistas”, outrora supracitadas, e nos impele a considerar a categoria “pseudo-fundamentalistas” no seio de nossas discussões. Para Žižek (2015), pseudo-fundamentalistas são indivíduos que não estão apegados de modo literal aos fundamentos bíblicos em si. Para esses indivíduos, os fundamentos, expostos na primeira seção, são suprimidos [simplesmente ignorados] em prol de interesses específicos. Logo, um líder religioso que interpreta de forma equivocada e esdrúxula os fundamentos bíblicos, como o pastor do vídeo BÍBLIA, está fundamentado em que? A pergunta, retórica, mostra que não há literalidade bíblica nesses casos, tampouco resquícios de fundamentalismo.

A representação da sátira BÍBLIA é sagaz ao passo que nos torna atentos a suposições de outro ponto de vista. Nesse caso, o pastor interpretado por G. Duvivier não é passível de ser chamado “fundamentado” haja vista que não se apega ao que é lido e não expressa respeito ao próximo. Nesse sentido, conceitua-se que uma pessoa fundamentada é uma pessoa que respeita o direito do outro de ser diferente e não se sente ameaçada por isso, ou seja, entende que a diversidade significa a possibilidade de alguém ser o que é enquanto o outro pode e tem de direito de ser “outro”.

Em contrapartida, uma pessoa fundamentalista também não pode ser classificada como parecida com a representação do vídeo BÍBLIA. Um fundamentalista, como visto, interpreta de modo literal os trechos bíblicos [os fundamentos] e, mesmo sem aceitar a

diferença do outro, tolera. Todavia, tolerar pressupõe superioridade. Por esse motivo que os fundamentalistas são perigosos para as sociedades e seus princípios são danosos para a laicidade e a democracia. Estamos de acordo com isso. Nosso intento é o de pensar que pior que ser fundamentalista e tolerar é ser pseudo-fundamentalista e matar, seja de forma física seja de modo simbólico (ŽIŽEK, 2015).

O pastor interpretado no vídeo BÍBLIA “mata” o diferente [e a diferença] porque não possui nenhum compromisso em se fundamentar em nada que limite seu comportamento agressivo e perigoso. PORTA DOS FUNDOS mostra que, na verdade, as igrejas brasileiras, sobretudo igrejas [neo]pentecostais, estão repletas de líderes pseudo-fundamentalistas, avessos aos fundamentos bíblicos, incomodados com os valores liberais, despreparados, perpassados por ódio aos diferentes e manipuladores da religião para fins lucrativos.

Referências bibliográficas

ARMSTRONG, K. **Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

KÜNZLI, A. Fundamentalismo: a passagem de volta da história. In: DE BONI, L. A (org). **Fundamentalismo.** Porto Alegre: Editora EDIPUCRS, 1995.

MORA, C. M (org.). **Sátira, paródia e caricatura: da antiguidade aos nossos dias.** Aveiro: Universidade do Aveiro, 2003.

OLIVEIRA, D. **A religião mais negra do Brasil: por que os negros fazem opção pelo pentecostalismo?** Viçosa: Ultimato, 2015.

ORO, A. P. A miragem dos fundamentalismos sectários na América Latina. In: DE BONI, L. A (org). **Fundamentalismo.** Porto Alegre: Editora EDIPUCRS, 1995.

PORTA dos Fundos. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

STOTT, J. **A verdade do evangelho: um apelo à unidade.** Curitiba, São Paulo: Encontro-ABU, 1999.

TÜRCKE, C. Fundamentalismo. In: DE BONI, L. A (org). **Fundamentalismo.** Porto Alegre: Editora EDIPUCRS, 1995.

TURNER, S. **Engolidos pela cultura pop**. Viçosa: Ultimato, 2013.

VATTIMO, G. **O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.